

Discurso para sindicalistas defende fim da utilização "vergonhosa" do horário eleitoral por essas legendas

TÂNIA MONTEIRO
e ISABEL BRAGA

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso aproveitou um encontro ontem com cerca de mil sindicalistas favoráveis à sua reeleição para dizer que o PT, de seu adversário Luiz Inácio Lula da Silva, faz demagogia ao acusá-lo de não investir na área social. Com um discurso inflamado, o presidente rebateu todas as críticas que tem recebido no horário eleitoral gratuito. E anunciou que, se reeleito, vai propor ao Congresso uma ampla reforma política para impedir que os partidos nanicos se apresentem, de maneira "vergonhosa", para falar "bobagens" no rádio e na televisão.

Um dos principais focos de irritação do presidente é o programa do radical PSTU. O partido, que já é objeto de dois processos do presidente na Justiça Eleitoral, tem explorado de maneira agressiva a atuação do governo na questão do desemprego e na reforma da Previdência.

"Com o social da demagogia, da retórica, da palavra fácil, do slogan, do social que vai para o Congresso e vota contra o aumento dos salários dos professores, como o PT fez e toda a oposição fez, esse eu não me preocupo", atacou Fernando Henrique, que também criticou a CUT por ter feito oposição ao Plano Real, mesmo percebendo que ele estava dando certo. Mostrou-se, porém, disposto ao diálogo, "sempre que venha com boa vontade, de boa-fé, pensando no Brasil e não nos interesses sindicais".

Composta de sindicalistas ligados à Força Sindical, Confederação Geral dos Trabalhadores e Social-Democracia Sindical, a plateia manifestou apoio à reeleição do presidente, mas também fez queixas. Dois dos três líderes sindicais que discursaram durante o encontro, realizado no auditório da Legião da Boa Vontade, fizeram críticas ao governo.



O presidente da Social-Democracia Sindical, Enilson Simões de Moura, o Alemão, ressaltou que o governo precisa de "controvérsias e não de badalações e puxa-saquismos". Alemão atacou a proposta de eliminação da cobrança do Imposto Sindical e condenou as interferências políticas que tentam impedir a aprovação da transposição das águas do Rio São Francisco.

Desemprego - Fernando Henrique atribuiu o crescimento do desemprego - principal alvo dos ataques da oposição - à crise asiática, que levou o governo a aumentar as taxas de juros, para garantir a estabilidade da moeda. Argumentou, no entanto, que o problema do desemprego não é só do governo. "É um problema dos empresários, que precisam fazer acordos coletivos para garantir o emprego dos seus empregados", declarou, alegando que não adiantam medidas unilaterais do governo para resolver a questão.

O presidente tentou mostrar-se tranqüilo em relação aos ataques especulativos que estão atingindo diversos países, mas ressaltou: "A globalização traz riscos; a cada instante temos um novo risco." Segundo ele, contudo, o Brasil "está-se tornando mais forte, mais competente e mais rápido para enfrentar esses riscos".

Lembrou que o País superou as crises do México e do sudeste da Ásia: "Estamos passando sem grandes danos pela crise da Rússia e, eventualmente, de alguns países da América Latina", sustentou. "Fomos precavidos, guardamos reserva e tivemos coragem de fazer o que é duro, que é aumentar as taxas de juros." Para o presidente, se as medidas não fossem tomadas, o País não teria como se defender.

■ Mais sobre a crise nas bolsas no caderno de Economia e a reação da oposição na página A10

FHC promete reforma contra partidos nanicos